



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal The New York Times

Palácio do Planalto, 20 de setembro de 2007

Jornalista: Muito obrigado, Presidente, por ter concordado em me dar a oportunidade de conversar com o senhor. É um prazer conhecê-lo. De qualquer maneira eu achei que nós poderíamos então começar, Presidente, se o senhor pudesse falar um pouquinho sobre a sua viagem à Europa e também sobre a importância daquela viagem. O que o senhor conseguiu realizar nessa viagem.

Presidente: A viagem que nós fizemos aos países nórdicos tinha como objetivo não apenas fazer uma visita de Estado aos chefes de Estado que eu já tinha recebido no Brasil, mas aperfeiçoar as relações do Brasil com os países nórdicos, que têm grandes investimentos no Brasil. Ou seja, Suécia tem no Brasil a sua segunda base industrial. São mais de 203 empresas suecas no Brasil, uma balança comercial de 1 bilhão e meio de dólares e que pode crescer muito mais. Com a Finlândia, com a Noruega e com a Dinamarca, onde nós temos uma balança comercial em média de 600 a 900 milhões de dólares, também são países que têm investimentos importantes no Brasil no setor de serviços. E nós achamos que é extremamente importante o aumento da nossa balança comercial com esses países, os acordos na área da ciência e tecnologia, porque são países extremamente avançados e todos eles passaram por uma revolução educacional para chegar onde chegaram. São países como a Noruega, de renda *per capita* de 74 mil dólares, ou seja, um país que tem um alto investimento em ciência e tecnologia, uma engenharia muito forte na área de petróleo, na área da indústria naval. Portanto, eu voltei de lá extremamente satisfeito e acho que nós poderemos avançar muito mais.

Também um assunto da pauta foi a questão do etanol. Eu tenho a



convicção de que o mundo se curvará aos biocombustíveis. Nós teremos resistência, alguns países irão resistir, as petroleiras irão resistir, algumas indústrias automobilísticas irão resistir mas, no fundo, no fundo, nós temos consciência de que é preciso diminuir a emissão de CO₂ e, portanto, nós precisamos encontrar uma nova matriz energética na área de combustível.

Bem, uma outra discussão que nós fizemos nesses países, foi a necessidade da reforma da ONU. Não é possível que uma instituição que foi criada para manter o equilíbrio de forças entre as nações e pela manutenção da paz, esteja tão desconectada da realidade geopolítica do mundo de hoje. É só olhar o mapa mundi que nós vamos perceber a diferença do que era o mundo em 1945 e do que é o mundo em 2007. E também aumentar o número de membros permanentes no Conselho de Segurança para criar o equilíbrio geopolítico. Qual é a explicação para que a América Latina não esteja representada? Qual é a explicação para que o continente africano não esteja representado? Qual é a explicação para a China estar e o Japão não estar? Qual é a explicação de que uma Alemanha não pode entrar? Tudo isso nós discutimos e também discutimos a Rodada de Doha.

Eu, particularmente, tenho trabalhado desde dezembro do ano passado, conversando por telefone com várias lideranças sobre a necessidade de compreendermos que a Rodada de Doha não está mais subordinada hoje a nenhum problema econômico e financeiro. É uma questão eminentemente política, ou seja, os líderes terão que ter coragem, em algum momento, de assumir alguns custos políticos para que possamos permitir que os países mais pobres do Planeta tenham a chance de, no século XXI, conseguir viver um pouco mais dignamente, mais decente.

Você sabe que tem um problema, uma equação a ser resolvida. Os Estados Unidos, no ano passado, gastaram 11 bilhões de subsídios. No acordo anterior os Estados Unidos poderiam fazer um subsídio de 17, e os Estados Unidos estão propondo um número por volta de 14 bilhões. No fundo, no fundo,



nós achamos muito.

A União Européia, por sua vez, precisa facilitar o acesso ao seu mercado de produtos agrícolas. E os países do G-20, dos quais faz parte o Brasil, flexibilizar nos produtos industriais. Essa equação, ela tem que ser levada em conta pelo poder de flexibilidade de cada país, levando em conta o quê? Levando em conta o estágio de crescimento de cada país, portanto, o poder de desenvolvimento de cada país. Um exemplo: na agricultura européia você tem no máximo, em alguns países, 4% de mão-de-obra no campo. No Brasil você tem 26, na África você tem países com 70% no campo.

Então, o que nós queremos? Um justo equilíbrio. E aí o Brasil está disposto a trabalhar junto com os países do G-20 para flexibilizar nos produtos industriais, os Estados Unidos reduzirem o subsídio, a Europa flexibilizar no acesso aos produtos agrícolas. Não tem importância que os países em desenvolvimento e os países grandes não ganhem nada. Se nós empatarmos já está bom. O que nós precisamos é olhar para os países mais pobres do Planeta, a América Latina e, sobretudo, a América Central e os países africanos. É um olhar muito menos econômico e muito menos político, mas um olhar humanista de solidariedade para dar oportunidades a quem não teve oportunidade. Essa foi um pouco a discussão com os países nórdicos.

Na Espanha, nós fomos fazer uma apresentação do nosso Programa de Aceleração do Crescimento. A Espanha é o segundo país investidor no Brasil, depois dos Estados Unidos, e nós tínhamos interesse em convidá-los a participar do programa da infra-estrutura que nós estamos trabalhando no Brasil. Eu penso que foi uma viagem muito bem-sucedida e eu voltei muito satisfeito.

Estarei agora indo à ONU para discutir, além da questão climática, a OMC e também a questão dos biocombustíveis. E, em outubro, estarei viajando para a África para visitar mais cinco países africanos e discutir também essas questões.



Jornalista: Qual vai ser o seu discurso, Presidente, na ONU? O que o senhor vai enfatizar no seu discurso na Assembléia?

Presidente: Eu não posso falar porque o presidente Bush fala depois de mim.

Jornalista: Mas essa é a tradição, o Brasil fala primeiro.

Presidente: Fundamentalmente eu penso que eu vou na segunda-feira participar de um jantar a convite do secretário-geral das Nações Unidas. Lá deverá estar presente o presidente Bush, o presidente Sarkozy, a primeira-ministra Ângela Merkel e outros presidentes, e o assunto dessa reunião será a questão climática, será a questão do aquecimento global. O meu discurso será um pouco sobre isso. Discurso é como técnico de futebol, você não escala o time com muita antecedência senão você pode ter algum adversário estudando a tua tática, então, algumas coisas têm que ser de última hora, têm que ser do sentimento e do clima que a gente perceber nas Nações Unidas.

Jornalista: Voltando ao etanol, Presidente, o que precisa acontecer, na sua opinião, para que haja um mercado global para o etanol num futuro próximo?

Presidente: Primeiro, que todos os países cumpram o Protocolo de Quioto. A União Européia já decidiu que até 2020 ela irá introduzir 10% de biocombustíveis misturados aos combustíveis fósseis. Os Estados Unidos precisam tomar a mesma atitude, a China precisa tomar a mesma atitude. No caso do Brasil, nós já utilizamos 25% de etanol na gasolina e agora estamos utilizando o *flex fuel*, e você já deve ter tido informação do sucesso do *flex fuel*. E, a partir de janeiro, nós vamos começar com a introdução de 2% de biodiesel no óleo diesel, com a perspectiva de em 2010 chegarmos a 10% e, a partir daí,



sonhamos em ter um carro totalmente a biodiesel. Nessa viagem para os países nórdicos, na Suécia, eu fiz um passeio em um ônibus que vai funcionar no centro de Estocolmo, 600 ônibus, totalmente a etanol.

Jornalista: Quantos anos o senhor acha que vai demorar para, com as tarifas que existem hoje, tarifas de importação, tanto na Europa e nos Estados Unidos, se chegar até esse mercado?

Presidente: Olhe, eu trabalho com a perspectiva de que nos próximos 15 anos nós teremos consolidado definitivamente os biocombustíveis no mundo, porque eles vêm crescendo a cada ano. As críticas feitas ao etanol e ao biodiesel não têm sustentação teórica e muito menos resultado prático. O que nós precisamos encontrar? Nós precisamos encontrar a matéria-prima que consiga produzir a maior quantidade de litros de etanol por hectare ao custo mais barato possível. Aí é que entra o problema do milho. O milho tem um ingrediente perverso, é que você aumenta a ração animal e conseqüentemente você aumenta o preço da carne, o preço do leite e seus derivados, o que não é bom para a humanidade, sobretudo, para a parte mais pobre da população.

Nós temos outras matérias-primas, o Brasil está acreditando e trabalhando fortemente para que a gente possa produzir o etanol de segunda geração, seja com o bagaço da cana ou com o próprio eucalipto. Nós estamos estudando fortemente isso e eu penso que nós vamos encontrar um jeito mundial para que assumamos definitivamente a construção de uma nova matriz energética. Tem uma vantagem na política dos biocombustíveis que eu tenho chamado atenção. Primeiro, o preço do petróleo; segundo, o alto custo de uma empresa para fazer prospecção de petróleo, o alto custo de uma plataforma. São poucos países no mundo que têm possibilidade de construir plataforma, de fazer prospecção em grandes profundidades e são poucos os países do mundo que têm petróleo.



Agora, imagine no biocombustível, você não precisa ter uma plataforma, você não precisa pagar 500 mil dólares por dia de uma sonda, você cava um buraco com a mão, com a enxada, nos países mais pobres até com um arado, e você planta uma planta que vai seqüestrar carbono, que vai gerar combustível limpo, que vai gerar empregos e, conseqüentemente, distribuição de renda. Nós vamos democratizar o acesso à energia. Em vez de 10 países produzindo petróleo, você pode ter 120 países produzindo biocombustíveis.

Eu acredito que o século XXI, ele tem que levar em conta até quanto tempo vai durar o petróleo e levar em conta a veracidade da constatação científica do aquecimento global. São dois fatores extremamente importantes para que sejamos inteligentes e produzamos alternativas. Pode ter o carro elétrico, pode ter o carro que quiserem inventar, o dado concreto é que a tecnologia dos biocombustíveis é conhecida, controlada, e vários países podem adotá-la. O famoso carro de hidrogênio, que foi há 50 anos, enquanto não se separar as moléculas e torná-lo economicamente viável, será apenas um sonho. Os biocombustíveis são uma realidade dos dias de hoje.

Jornalista: Há uma preocupação com o uso da terra no Brasil, eu entendo que o senhor tem muita terra disponível e a concorrência e danos possíveis ao meio ambiente e os que poderiam derivar de continuar a expandir a produção do álcool?

Presidente: Primeiro, nós temos que ser responsáveis e todo o País tem que estabelecer um zoneamento agrícola, quais são as áreas que você pode plantar, quais são as áreas que você pode preservar. Quando se discute a questão dos alimentos, nós precisamos levar em conta o seguinte: a fome que existe no mundo hoje é pela falta de alimentos ou é pela falta de renda para comprar alimentos? Quer dizer, os países que passam fome hoje estão produzindo etanol? Estão produzindo biodiesel? Não. Ora, o que vai acontecer



com a produção de biodiesel? É que as pessoas vão ter um trabalho, um salário e vão poder comprar alimentos. Outros países irão produzir alimentos e cada país vai levar em conta que a energia prioritária para a humanidade não é a do carro, é a da nossa sobrevivência. Então, eu acho irracional alguém imaginar que vai deixar de plantar o que comer para produzir etanol. Eu não gosto de citar o exemplo do Brasil, porque o Brasil tem muita terra. E nós hoje ocupamos menos de 1% da nossa terra agricultável com a produção de cana.

Nós, ao mesmo tempo sabemos que a humanidade caminha, com os avanços na biotecnologia, para produzir cada vez mais numa área cada vez menor. O exemplo concreto: quando nós começamos o programa do álcool, você produzia uma determinada quantidade. Hoje nós produzimos 4 vezes mais por hectare do que produzíamos há 30 anos. Aí você começa a analisar: um boi, há 15 anos, demorava-se 48 meses para abatê-lo, hoje você abate com 18 meses. Uma galinha você levava 90 dias para abatê-la, hoje você abate com 45 dias. Então, a possibilidade de produzir alimentos é quase que infinita e não é incompatível com a produção de outros países. Imagine como seria importante para os Estados Unidos se vários países da América Central pudessem produzir etanol ou outro combustível renovável, e suprir parte das necessidades do mercado americano. Imagine se os países africanos pudessem produzir e fornecer ao mercado europeu. Nós teríamos garantido menor imigração, estaríamos garantindo menos violência, teríamos garantido menos terrorismo e estaríamos garantindo mais paz que, na minha opinião, é no fundo, no fundo, o que todos nós precisamos.

Jornalista: Mais uma pergunta sobre etanol, Presidente, relacionada aos Estados Unidos. Depois daquele anúncio com o presidente Bush, quando ambos estiveram em São Paulo, muitas pessoas têm indagado o que, na verdade, está resultando de concreto daquele acordo. Que resultados estão acontecendo de uma maneira concreta? O senhor pode me ajudar a entender?



Alguma coisa está acontecendo depois daquele anúncio em termos de o Brasil e os Estados Unidos compartilharem ou terem troca entre os dois países nessa área?

Presidente: Olha, os acordos internacionais, eles não acontecem na hora em que a gente se reúne, ou seja, a reunião é apenas a demonstração da disposição, a assinatura de compromissos que nós vamos trabalhar juntos. E aí nós temos trabalhado com os Estados Unidos para a gente, já que somos os dois maiores produtores do mundo, trocar experiências na área de tecnologia, construir projetos para ajudar terceiros países e estabelecer um padrão de qualidade que possa criar uma padronização técnica e fazer com que os biocombustíveis possam ter um mercado sólido a nível internacional.

A relação do Brasil com os Estados Unidos é uma relação, eu diria, sempre muito produtiva. Eu estou convencido de que quando nós criamos o G-20, na reunião de Cancun, os pessimistas diziam que o Brasil estava procurando um confronto com os Estados Unidos e com a União Européia. E nós jamais pensamos em criar um confronto, primeiro, com o nosso maior parceiro comercial individual, que são os Estados Unidos, ou com a União Européia. O que nós queríamos era dizer aos países ricos que é preciso levar em conta, nas negociações, não apenas o peso econômico de cada país, mas a importância política que tem uma China, que tem uma Índia, que tem o Brasil, que tem uma África do Sul, que tem um México, ou seja, nós estávamos cansados de ver o G-8 se reunir e tomar as decisões como se fossem os coordenadores do mundo. Não é assim que se faz política. Você faz isso nos acordos bilaterais. Nos acordos multilaterais você tem que levar em conta uma ilha de 300 mil habitantes, na mesma proporção que você leva em conta a China com 1 bilhão e 300 mil habitantes, porque quando chega na ONU cada um tem um voto. O voto não é proporcional à população.

Eu me lembro muito, quando fui deputado, na época o mais votado do



Brasil, com 652 mil votos. E quando cheguei no Congresso Nacional um cidadão que tinha sido eleito num estado menor, com 2 mil votos, tinha a mesma importância que eu. Quando você toma posse no Congresso desaparece a quantidade de votos. Cada um vale um voto. Na ONU é a mesma coisa.

Então, o G-20 é um exemplo de que a gente pode ter uma maior harmonia política, um maior entrosamento nos organismos multilaterais sem perder referência. A relação comercial do Brasil com os Estados Unidos cresceu, a relação com a Europa cresceu, mas cresceu muito com a América Latina, cresceu muito com a África, cresceu muito com os países árabes, cresceu muito com a China e com a Índia. E isso para nós é extremamente importante.

Jornalista: O que estaria na sua lista de vontade, desejo para melhorar a relação com os Estados Unidos? O que estaria nessa lista, Presidente?

Presidente: Bem, eu tive oportunidade de dizer ao presidente Bush, na reunião que tivemos em Camp David, de que estava na hora dos Estados Unidos ter um olhar produtivo, ter um olhar de maior solidariedade com a América Latina, ou seja, esqueçamos um pouco a metade do século passado, em que o mundo bipolar determinava que quem não pensasse do mesmo jeito era comunista e, portanto, precisava ser destruído. Isso não existe mais. E a América Latina é o exemplo vivo. Com exceção da Farc, todo mundo entrou no jogo democrático, disputou eleições, ganhou e perdeu, e o resultado é acatado. Esse é um fato concreto, daí por que eu penso que os homens e as mulheres que pensam a estratégia política dos Estados Unidos deveriam olhar com um olhar desenvolvimentista para a América Latina.

Jornalista: Mas ao mesmo tempo o senhor entende que, alguns dias atrás, o



senhor estava querendo processar, abrir um processo na OMC para tentar colocar os Estados Unidos e o seu programa de subsídio, e ser julgado um painel lá, o Brasil abrir um processo. Será que isso vai melhorar as relações de Brasil e Estados Unidos?

Presidente: Melhora. Primeiro, porque nós estamos utilizando uma instituição que representa todos os países do mundo e que tem, entre os seus mecanismos, a possibilidade de um país acionar o outro. Foi assim que nós ganhamos a questão do algodão, que não beneficiou o Brasil, mas beneficiou os países africanos; foi assim que nós ganhamos, da Europa, na questão do açúcar. Então, a minha forma de agir é a seguinte: eu sempre sou favorável a um bom acordo, acredito nos acordos, trabalho para que eles existam. Mas se não for possível, você tem que recorrer às instituições que podem julgar uma demanda internacional, no comércio ou na política.

Jornalista: Bem, Presidente, se nós pudéssemos falar um pouquinho sobre a Venezuela e Hugo Chávez, eu entendo que o senhor está indo, hoje à tarde, para encontrar com Hugo Chávez e, talvez, com o presidente do Equador também. Está claro, pelo que aconteceu nos últimos meses, que o senhor Chávez continua tentando espalhar a sua influência política através de toda a região: Argentina, Bolívia etc. O senhor vê o senhor Chávez como uma ameaça à democracia? Esse é um homem em que o senhor pode confiar, em quem o senhor confia?

Presidente: Primeiro, eu não vejo o Chávez como ameaça à América do Sul e à América Latina. Eu acho que o Chávez teve um discurso em função da realidade política da Venezuela. Todas as vezes em que chego a um país, eu fico vendo o discurso do governo, o discurso da oposição, e sempre procuro compreender, porque é compreensão o que eu quero que eles tenham de nós.



Nós fazemos os discursos de acordo com a nossa realidade política. Do ponto de vista da relação com o Brasil, com a Argentina, a relação é a melhor possível. O Brasil tem investimentos na Venezuela, nós temos parcerias na Venezuela, tem uma balança comercial de mais de 4 bilhões de dólares e acho que o Chávez tem sido um bom parceiro. Quando a gente fala e na nossa fala nós ofendemos alguém ou criamos um problema político, nós pagamos o preço disso. Pagamos um preço pelos erros e conquistamos alguma coisa pelos nossos acertos. O discurso do Chávez com relação aos Estados Unidos, eu não sei se continuará depois que houver eleições nos Estados Unidos. O dado concreto é que o Chávez tem consciência de que foi o governo americano que tentou dar um golpe nele, ninguém tira isso da cabeça dele. Então, ele tem suas razões. O que eu tenho ponderado? É que é uma briga difícil para um brasileiro entender. Ou seja, de um lado, o Chávez briga com os Estados Unidos, mas os Estados Unidos são o principal parceiro comercial da Venezuela. Por outro lado, o governo americano briga com o Chávez, mas é o maior importador de petróleo da Venezuela. Eu acho essas brigas, para um brasileiro, muito engraçadas, ou seja, nós não costumamos brigar assim. É importante compreender, porque muitas vezes as pessoas fora da América Latina vêem como nervosismo político. Vamos pegar a questão da Bolívia. O Evo Morales é meu amigo antes de ser presidente da República. Ora, muita gente estranha que ele ganhe as eleições e venha brigar exatamente com o Brasil. E eu acho normal. Primeiro, porque ele tem o direito de nacionalizar o seu gás, é uma decisão soberana. E é importante lembrar que não é do Evo Morales, é de um referendo em que mais de 90% da população votaram pela nacionalização. Segundo, ele queria comprar a refinaria. Nós vendemos a refinaria. E queremos construir mais parcerias com a Bolívia, tendo em conta que toda vez que você tem vizinhos seus, um país maior, mais rico, mais desenvolvido, por conta disso esse país rico passa a ser uma espécie de culpado pelas coisas que acontecem nos outros países. Quando eu era



dirigente sindical, o meu sindicato tinha 600 empresas, mas qual era o charme? Era brigar com a Volkswagen, que tinha 44 mil trabalhadores, era maior, era onde os trabalhadores ganhavam mais, então, era lá que eu focava mais o meu discurso. Então, eu compreendo quando alguém tem uma imagem do Brasil, mais poderoso, e por que não dizer, foi construída uma cultura na América do Sul de que o Brasil era um país imperialista. Isso você não muda com discurso, isso você muda com política de solidariedade, ajudando a investir nesses países, ajudando a desenvolver esses países. Porque a nós o que interessa é que os países vizinhos estejam vivendo os melhores momentos de tranquilidade, desenvolvendo a sua economia, gerando riqueza e distribuindo essa riqueza.

Jornalista: Mas algumas pessoas dizem que o Chávez está fazendo é: “Ah, aqui tem um homem que está tentando ser o líder na América do Sul”. Isso não o perturba, Presidente? Ou o senhor vê como um contrapeso ao Chávez na sua tentativa de ser um líder, ser o líder da América do Sul?

Presidente: Primeiro que uma liderança não se forma assim. Ninguém é líder porque quer. Você se transforma em líder quando as pessoas que você vai liderar escolhem você por respeito, por compreensão política, por afinidade ideológica, por interesses entre os dois países. Nós não estamos na América Latina à procura de um líder, não estamos precisando de um líder Lula, Chávez, Kirchner. O que nós estamos precisando é construir uma harmonia política, porque a América do Sul e a América Latina precisam aprender a lição do século XX. Nós tivemos chance de crescer, tivemos chance de nos desenvolver e jogamos isso fora, somos países ainda pobres. Então, eu não tenho a preocupação em ser líder de alguma coisa, o que eu quero é governar bem o meu País. E, ao deixar o meu mandato, saber que o povo melhorou de vida, que o povo tem mais escolaridade, mais emprego, mais salário, mais



cultura. É isso que eu quero. Eu acho que é isso, no fundo, no fundo, que cada presidente deseja para o seu país.

Jornalista: Já que nós estamos, Presidente, falando sobre energia na região, tem havido muita preocupação e eu tenho pesquisado isso, sobre os problemas com o gás natural, eletricidade, entre a Argentina, o Chile, preocupações com a Bolívia, o gás da Bolívia, e o Brasil está bem no meio de tudo isso. Existe uma solução política para essa crise de energia, será que a gente pode chamá-la no Cone Sul?

Presidente: Bem, primeiro vamos ter clareza de que hoje a energia é um valor fundamental na demonstração de possibilidades de crescimento da economia de um país e, ao mesmo tempo, de afirmar a sua soberania. No caso do Brasil, nós não temos gás suficiente para ter uma economia baseada na matriz energética do gás. Temos um contrato com a Bolívia, até 2019, da importação de 30 milhões de m³ por dia. E estamos trabalhando, já com decisão da Agência Nacional de Política Energética, e a Petrobras está fazendo um grande esforço junto com as suas congêneres, para que a gente encontre mais gás. Estamos trabalhando outros mercados para a importação de gás, do Catar, da Nigéria, da Argélia. Estamos trabalhando a idéia do gasoduto com a Venezuela, que seria um gasoduto que viria cortando toda a América do Sul até chegar à Argentina. Agora, é um projeto volumoso, é preciso que a gente trabalhe com base em avaliações técnico-científicas, porque é um investimento de mais 15 bilhões de dólares.

Jornalista: O senhor acredita nesse gasoduto, Presidente?

Presidente: Veja, acreditar eu acredito. Agora, construir a possibilidade de fazê-lo vai depender da nossa sabedoria política, vai dos itens que serão



acordados entre os países que participarão e da certificação da quantidade de gás existente, é isso que estamos discutindo. Tem mais de 50 técnicos da Petrobras discutindo com os técnicos da PDVSA e esse é um dos assuntos que eu quero conversar com o presidente Chávez. Deixa eu dizer uma coisa com relação à energia, ainda. Ademais, o Brasil está dando um passo adiante na possibilidade de construir energia, por exemplo, do bagaço da cana-de-açúcar. Nós estamos estudando agora, há um potencial extraordinário de produção de energia. Ademais, o Brasil tem ainda um potencial de mais de 160 mil megawatts de energia hídrica. Nós agora estamos fazendo um inventário para preparar o Brasil para construir as hidrelétricas que faltam para colocar na nossa matriz energética. Qual é o problema que estamos enfrentando nesse momento? É que se a Argentina precisar de mais gás, o Brasil de mais gás, o Chile de mais gás, nós vamos ter que investir mais em prospecção. E a Bolívia também vai ter que investir. Porque com a atual capacidade de produção, os países podem ter a sua capacidade de desenvolvimento comprometida. Por isso que eu não quero subordinar o Brasil ao gás.

Jornalista: Mas parece que vai ser difícil confiar na Bolívia, porque agora eles nacionalizaram o gás, e eles não têm mais investimentos do exterior, não vão conseguir investimentos do exterior, vai ficar difícil.

Presidente: Veja, nós poderemos – eu conversei com o presidente Zapatero, devo conversar com o presidente Evo Morales por telefone na próxima semana – nós precisamos fazer com que a Petrobras e a Repsol estabeleçam novos acordos com a Bolívia para que a gente faça mais investimentos e tenha mais gás. Isso nós temos que conversar com muita franqueza. Essas coisas, às vezes, parecem difíceis, mas todos nós vamos aprendendo, todos nós vamos nos dando conta de que precisamos uns dos outros. Então, eu confio nessa possibilidade e posso lhe garantir que nós estamos pensando o Brasil, para



que o Brasil tenha tranqüilidade energética durante muitas décadas. O problema é que nós encontramos o Brasil com apenas 3 mil e 200 megawatts de inventário, e nós queremos deixar o Brasil com mais de 32 megawatts inventariados, com uma prateleira de projetos, para que a gente construa, no tempo hábil, a energia de que necessitamos.

Jornalista: Duas coisas, Presidente, que preciso que o senhor me responda. Todos nós sabemos sobre o desastre da aviação, o acidente em Congonhas. Eu queria perguntar para o senhor: a nomeação do Nelson Jobim, a intenção era reduzir a influência ou controlar mais os militares no setor da aviação?

Presidente: Veja, primeiro, a indicação do Nelson Jobim foi para ocupar um cargo que existe no Brasil por opção da democracia brasileira, de ter um ministro da Defesa. Segundo, a discussão que está colocada hoje não é se a questão é militar ou civil. O que nós precisamos é ter o nosso controle de vôo, os nossos aeroportos funcionando adequadamente, e o Jobim entrou com carta branca minha para resolver o problema. Nós sabemos que vamos ter trabalho pela frente, mas também você não faz política se não tiver desafios, e eu acho que nós iremos resolver todos os problemas. Os aeroportos brasileiros, hoje, estão muito mais tranqüilos, porque houve um reordenamento da ocupação dos nossos aeroportos, e o Nelson Jobim vai fazer tudo o que precisar ser feito para que a gente tenha a mesma tranqüilidade que sempre tivemos no Brasil, que sempre foi considerado um dos melhores modelos do mundo de aviação.

Jornalista: Mesmo assim, o senhor se arrepende, Presidente, da maneira como o governo ou suas agências lidaram com a situação depois do primeiro acidente envolvendo a Gol há um ano?



Presidente: Olhe, eu só posso trabalhar com as informações oficiais que eu recebo. Ao que tudo indica, até agora, aquele acidente que houve com a Gol foi um acidente que jamais poderia acontecer se não existissem erros humanos ali. É sempre uma coisa muito difícil, porque sempre tem uma polêmica, mas o dado concreto é que se os aviões estivessem na sua altura certa, se estivessem com todos os instrumentos ligados, não teria acontecido o acidente. A partir dali, nós entramos em uma fase muito ruim, que envolveu o descontentamento dos controladores, e vivemos dez meses de tormenta. E também por erros de comportamento das empresas de aviação no Brasil, tudo isso agora está sendo revisto. Eu, agora, quero paz nos aeroportos, quero segurança nos aeroportos, e isso nós vamos fazer.

Jornalista: O outro assunto, Presidente, que o senhor tinha sido perguntado antes, recentemente a Corte Suprema do Brasil voltou a levar a julgamento 40 ex-funcionários do governo, incluindo o senhor Dirceu. O senhor disse que não sabia desse aparente esquema de votos. Então, a minha pergunta é a seguinte: como é que isso seria possível, tendo alguém tão próximo ao senhor envolvido nisso?

Presidente: Eu sempre brinco que nós estamos aqui reunidos nesta sala agora e, em volta de mim, tem algumas centenas de funcionários, que eu não sei o que estão fazendo. Nem o seu fotógrafo e o meu, eu não sei o que estão fazendo. Se estiverem fazendo uma arte ali fora, nós só vamos saber se eles contarem ou se alguém denunciar. Para quem está no governo, a obrigação é tomar as atitudes certas, no momento certo. Todos os que tiveram problemas foram afastados. Este País é um país de instituições sólidas, que está aprendendo a se fortalecer, todas as pessoas passaram por um ciclo processual que é próprio da democracia, foram analisados no Congresso Nacional, alguns foram absolvidos no Congresso Nacional, outros foram



condenados, o Procurador houve por bem pedir o indiciamento, a Suprema Corte indiciou. Bem, até agora as coisas estão funcionando dentro da normalidade democrática, ninguém foi inocentado, mas ninguém foi culpado. Começou o processo e cada um, agora, vai ter a chance de se defender individualmente.

Jornalista: O senhor foi traído, Presidente?

Presidente: Veja, eu me senti extremamente magoado e disse isso várias vezes, porque nós construímos um partido político, demoramos muito para chegar à Presidência da República, construímos o mais importante partido de esquerda da América Latina, e a gente não precisaria ter passado por isso. Agora, a verdade, nua e crua, e a verdade que mais interessa agora, é a seguinte: até agora ninguém foi culpado e até agora ninguém foi inocentado. Aguardemos que a democracia funcione e que através da Justiça a gente tenha o veredicto final. Quem errou, pagará o preço, quem não errou, vai ser absolvido, e quem acusou, que peça desculpas.

Jornalista: Por que o senhor defendeu, publicamente, o Partido dos Trabalhadores no meio dessa atmosfera, quando o senhor não sabe, como o senhor diz, se esses funcionários são culpados ou não?

Presidente: Eu defendo o PT, porque o PT é infinitamente maior do que as pessoas. Eu conheço o PT, fundei o PT, o PT está no meu sangue. Se alguns companheiros do PT cometeram erros, o partido não pode pagar o preço por isso. Aliás, nenhuma instituição merece ser julgada por erro de um membro daquela instituição. Você não pode nunca, porque a água está suja, jogar o bebê junto.



Jornalista: Nós estamos falando de uma dúzia de indivíduos...

Presidente: De mais pessoas, não é de uma dúzia. São várias pessoas do Partido que foram indiciadas.

Jornalista: Mas mesmo assim o senhor defende o Partido?

Presidente: Lógico que defendo, defendo o Partido. Eu conheço esse Partido.

Jornalista: E o senhor não achou necessário, como presidente, fazer alguma coisa, como líder do PT, para punir alguém que talvez pudesse ter lhe traído, que o senhor tivesse tomado conhecimento, chegou a esse ponto?

Presidente: O PT tem regras. E essas regras do PT foram estabelecidas nos vários encontros que o PT fez. Alguns companheiros foram retirados do PT, outros companheiros pediram demissão do PT. E agora o que nos resta é continuar fazendo com que o Partido se fortaleça e contribua cada vez mais para que a gente possa combater qualquer malversação do patrimônio público.

Jornalista: Então o senhor não sente que o Dirceu, pessoalmente, lhe traiu?

Presidente: Veja, eu acho que o José Dirceu, não está provado se ele cometeu os crimes que lhe foram imputados, vai ser julgado. Para mim, a punição que eu poderia dar eu dei: afastei o José Dirceu do governo. Agora, como democrata que sou, e como homem que respeita as instituições e não admite julgamento sumário, espero que ele se defenda na Justiça e que a Justiça tome a decisão com base em todas as informações que a Polícia, que o Ministério Público ou que o advogado de defesa fornecer aos ministros da Suprema Corte brasileira.



Jornalista: Vamos a um assunto rápido, se nós pudermos, de drogas e tráfico de drogas na fronteira com a Bolívia. Parece que é um exemplo a prisão desse Ramirez, do Carlos Ramirez, grande traficante da Colômbia, de que o tráfico de drogas no Brasil está crescendo muito com a Bolívia. Esse tráfico de drogas entre as fronteiras dos dois países é uma preocupação sua, Presidente? Está no seu radar, como se diz, e está sendo enfrentado como deveria ser enfrentado?

Presidente: Veja, o tráfico de drogas é sempre uma preocupação para mim e para qualquer governo. Eu diria, para mim e para qualquer ser humano que não tem nenhuma relação com a droga. O Brasil, até julho deste ano, até setembro deste ano, já apreendeu 4 mil toneladas de coca, porque o Brasil não é tido como um país responsável pelo grande consumo, o Brasil é rota de passagem. Eu fico me perguntando... uma das formas que nós vamos encontrar para diminuir a produção de drogas será na hora em que os países tiverem a oportunidade de se desenvolver e gerar oportunidades de emprego para as pessoas que hoje plantam coca.

Agora, o que é preciso é que a gente tenha uma combinação, lutar com relação à produção, com o tráfico e com os consumidores, porque se não tivesse consumidor não teria a droga. E os consumidores não estão nos países pobres, estão nos países ricos. E muitas vezes é muito mais fácil um país rico achar que com a ajuda financeira combate a droga do que ter uma política interna para diminuir o uso dessa mesma coca e dessa mesma maconha.

Então, é um debate em que nós não podemos responsabilizar nenhuma pessoa ou nenhum governo. Nós, o que precisamos, é discutir esse assunto com muita seriedade, ninguém ficar jogando a culpa em cima de ninguém, e tentar encontrar uma solução definitiva. Se um país é pobre e planta determinada droga por uma questão cultural, e alguns malandros se



aproveitam daquilo, transformam aquela matéria-prima num produto sofisticado que nós chamamos de droga, ou seja, esse, na verdade, é um criminoso que tem que pagar um preço muito caro.

Jornalista: Mas o senhor tem algum plano concreto para tentar resolver a situação, seja do lado do consumo ou ao nível do tráfico? Nós entendemos que o Brasil, agora, é o país número dois em termos de consumo de cocaína no mundo, depois dos Estados Unidos.

Presidente: Eu não sei se o Brasil é o segundo país em consumo. Eu gostaria que fosse o último. A verdade é que o Brasil está tentando tomar conta das suas fronteiras, fazendo investimentos na Polícia Federal e investindo em inteligência. Por isso que nós aprovamos até a Lei do Abate. Agora, esse é um assunto que precisa ser discutido com mais profundidade entre os países produtores e os países consumidores.

Jornalista: Há planos para fazer isso em algum momento, no futuro? O senhor planeja marcar, sentar e falar sobre esse assunto com o presidente Bush ou com mais alguém? Quais são as drogas que passariam a ter uma força especial...

Presidente: Na verdade, esse é um assunto que precisa entrar na pauta de todos os países. Em todos os países tem consumidores, mais ou menos tem gente que consome em todo o mundo e, portanto, não é um assunto que envolve Estados Unidos, Brasil e Bolívia, ou Estados Unidos, Brasil e Colômbia. Eu acho que envolve os consumidores do mundo inteiro e, portanto, quem sabe, seja uma discussão que deva ser levada a mais do que uma conversa bilateral, que deva ser discutido nos foros multilaterais. E quero dizer que é sempre muito difícil. Não é simples enfrentar essa questão do



narcotráfico. Muitas vezes ele acontece na cara de todo mundo. E muitas vezes é engraçado, porque sabem quem é o rei do tráfico, sabem quem é o maior traficante, quem é o maior produtor, e de vez em quando prendemos um, ou seja, são pessoas que, por fazerem parte de uma indústria chamada “crime organizado”, têm braço na política, têm braço na indústria, têm braço na Justiça, têm braço na Polícia. Então, há uma rede de proteção aos contrabandistas que às vezes eu fico imaginando que, em alguns casos, eles demonstram mais força do que o aparelho de Estado. E aí envolve a droga, aí envolve o contrabando de armas.

Jornalista: Duas coisas rápidas. O senhor está apoiando o projeto Banco do Sul que o Chávez está propondo que seja sediado em Caracas?

Presidente: Deixa eu lhe dizer uma coisa. Primeiro, a minha prioridade neste momento é fazer com que a economia brasileira continue da forma que está. O Brasil está vivendo o seu melhor momento econômico, nós estamos conseguindo combinar desenvolvimento econômico com desenvolvimento humano, estamos conseguindo aumentar as exportações e aumentar o mercado interno, estamos conseguindo crescer a economia controlando a inflação, estamos fazendo mais escolas para os pobres, estamos fazendo mais transferência de renda e as indústrias estão crescendo muito no Brasil. Portanto, estamos vivendo um momento auspicioso.

Ora, a partir dessa prioridade é possível e necessário criar um Banco do Sul? É. Da mesma forma que você tem o Banco Interamericano, você tem o Banco Mundial, você pode criar o Banco do Sul. Você tem a CAF e tem o Fonplata, tem o BNDES no Brasil, você pode criar um banco. O que nós estamos fazendo nesse momento? Os ministros da Fazenda estão discutindo entre eles o objetivo desse banco. Na hora que definir o objetivo nós vamos decidir se vamos criar ou não. Eu, muitas vezes, acho interessante, porque se



fosse na Europa que alguém tivesse propondo criar um banco, seria visto com a maior normalidade. Aqui, na América do Sul, parece uma coisa estranha.

Jornalista: É porque as pessoas vêem como uma meta política de Hugo Chávez e vai ser sediado em Caracas também. Isso daria um controle muito grande sobre o desenvolvimento da região, esse que é o medo.

Presidente: É pensar pequeno, achando que as relações entre nações se dá com essa facilidade e que um banco, criado com a representação multilateral de vários países, estaria a serviço de uma pessoa ou de um país. Não é simples assim.

Jornalista: E a última, rápida, que é importante. O senhor falou, um pouco atrás, o que o senhor espera que vai ser o seu legado, quando o senhor deixar este emprego, esse trabalho? O senhor pode me dar uma resposta curta, como é que o senhor acha que o povo vai lembrar do senhor?

Presidente: Eu vou ter que perguntar para o povo quando eu deixar a Presidência. Veja, quando eu tomei posse, no dia 1º de janeiro de 2003, eu no meu pronunciamento, logo depois da vitória, disse que ao terminar o meu governo, se todos os brasileiros pudessem tomar café da manhã, almoçar e jantar, já teria valido a pena governar o Brasil. Eu acho que nós vamos conseguir muito mais do que isso. A única coisa que eu quero na vida é que quando eu deixar a Presidência da República, eu seja tratado como companheiro pelos companheiros que eram meus companheiros antes de eu ser presidente da república. Eu, quando deixar a Presidência da República, não vou fazer curso de pós-graduação em Harvard, não vou fazer curso na Sorbonne. Eu vou voltar para São Bernardo do Campo, há 600 metros do sindicato que me criou na política, e vou viver a minha vida. Tenho a convicção



de que o povo brasileiro estará muito melhor do que quando eu cheguei na Presidência da República. O País estará muito melhor, a economia estará muito mais sólida do que quando eu cheguei. Se eu conseguir isso, já poderei morrer feliz.

Jornalista: O senhor vai concorrer em 2014, Presidente?

Presidente: Meu filho, 2014 está tão longe que eu estou proibido de pensar em 2014. Eu acho isso uma bobagem, alguém fazer um plano de que vai deixar a Presidência e que depois ele vai voltar. Escreva na sua matéria: rei morto, rei posto. E eu torço para que quem vier depois de mim, seja muito mais competente, faça muito mais coisas pelo Brasil e que o Brasil não tenha saudades de mim.

Jornalista: A possibilidade é que o senhor não disse “não” totalmente.

Presidente: Veja, eu sou um ser político, este País tem uma Constituição, eu seria louco se dissesse que sim, porque sou favorável à alternância de poder, e não é de agora, porque sou presidente. Eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, poderia ser reeleito quantas vezes quisesse. Na última eleição eu tive 92% dos votos como presidente do sindicato, convoquei uma assembléia e proibi que o presidente do sindicato pudesse ter mais que dois mandados. Então, eu coloquei em prática quando eu tinha liberdade de ser candidato quantas vezes eu quisesse. Eu acredito na alternância de poder, é bom para o País, é bom para a democracia e todo mundo aprende com erros e com acertos.